

Uma Leitura de Pessoa por Drummond: Sonetinho do Falso Fernando Pessoa

Prof.^a Dr.^a Cristina de Fátima Lourenço Marques - UNIP

Resumo:

No poema “Sonetinho do Falso Fernando Pessoa” de *Claro Enigma*, o poeta Drummond nos apresenta uma interpretação do fenômeno da heteronímia pessoana (“É das peles que visto / muitas há que não vi” ou “Sem mim como sem ti / posso durar”). Nessa interpretação drummondiana da heteronímia existe uma reinterpretção da condição do poeta moderno do período pós-guerra. O poeta que nem vendeu a alma, nem é o signo do mal (“nem Fausto nem Mefisto”) mas antes o *gauche* marginalizado que na sua introspecção busca a consciência de sua personalidade ou alma (“oaristo”). Partindo dessa leitura, buscamos demonstrar as relações no estrato fônico e formal do poema como resultado de uma correlata associação entre forma e expressão no poema. Analisamos a recorrência do som fonema vocálico “i” no poema e o relacionamos aos aspectos referentes a um jogo entre passado e presente, existir e não existir. Depois elencamos o oxímoro e antítese como figuras determinantes do poema, o que nos permite a ligação entre o “Ulysses” de Fernando Pessoa e o poema de Drummond a partir da famosa leitura de Roman Jakobson do poema pessoano (“Os Oxímoros Dialéticos de Fernando Pessoa”).

1. Claro Enigma e a referência Pessoana

O livro *Claro Enigma*, lançado por Drummond em 1951 foi saudado pela crítica com uma certa desconfiança em razão das modificações formais que os poemas apresentavam: apuro e rigor formal, transcendentalismo, memória e história.

“É particularmente com *Claro Enigma* - e a epígrafe de Paul Valéry é sintomática - que se verifica a total

identificação com os princípios da geração de 45. Aqui se mostra a familiaridade com os elementos universais do poema, fala-se em metro, na ‘Ingaia Ciência’, aparece pela primeira vez o alexandrino e o soneto se torna comum, como se torna comum o verso tradicional, pois dos quarenta e dois poemas do livro apenas onze são expressos em versos livres.”

(TELES: 1970, p. 22)

Massaud Moisés comentando acerca da evolução da obra de Drummond, ao se deter em *Claro Enigma* observa que:

“O poeta atinge, nessa fase, o máximo de engenho, pela tensão da forma e da idéia, lembrando, mais do que nunca, a Camões e Fernando Pessoa. O tema do amor, uma das constantes de sua vis poética, agora ressurgue com toda a força, feito ‘amor de madureza’, como em ‘Campo de Flores’ e nas ‘Notícias Amorosas’ de *Claro Enigma*. À semelhança daqueles poetas portugueses, ele pensa o amor e sua dialética, compondo alguns dos mais bem realizados poemas no gênero em vernáculo. É o amor-mito, núcleo de uma galáxia de mitos pretéritos, com os quais se identifica e nos quais se acha”.

(MOISÉS: 1989, p. 348)

As referências a Camões e Fernando Pessoa em *Claro Enigma* reforçam a idéia de um transcendentalismo a-religioso na obra. Em “Máquina do Mundo”, um dos poemas finais de *Claro Enigma*, a ligação com a obra camoniana se faz de modo perceptível. Por sua vez, a ligação entre a obra épica camoniana e a obra *Mensagem* de Fernando Pessoa parece estar colocada no livro, não só pela existência de um poema intitulado “Sonetinho do Falso Fernando Pessoa” mas pelo modo como a memória individual e poética se apropria dos elementos históricos de Minas Gerais para compor uma visão algo mística desse cenário, uma espécie de Supra-Camões das Minas Gerais.

Nos deteremos em especial, no referido “Sonetinho” para a partir de sua leitura tentar compreender como Camões e Fernando Pessoa são inseridos num paradigma que reorganiza *Claro Enigma*.

2. O “Sonetinho do Falso Fernando Pessoa”

O poema é o oitavo da primeira parte de *Claro Enigma*, “I/Entre Lobo e Cão”:

Onde nasci, morri
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui
mas não sou eu, nem isto.

O “Sonetinho” de versos é composto de versos hexassílabos, ou seja, podemos ver o poema como um meio-soneto de versos alexandrinos em que só sobra a metade dos hemistíquios. Os versos hexassílabos do poema são constituídos por dois pés, seja por dois pés de três sílabas, ou um pé de três sílabas grave com um de duas sílabas, ou, ainda, um de quatro e um de duas sílabas.

“On/de/nas/ci,” (pé de três sílabas, grave) + “mo/rri” (duas sílabas);

“mui/tas/há” (pé de três sílabas, agudo) + “que/não/vi” (pé de três sílabas, agudo)

“eis-/me_a/di/zer” (pé de quatro sílabas, agudo) + “as/sis/to” (pé dissílabo)

“Sem / mim” (pé de duas sílabas, agudo) + “co/mo/sem/ti” (quatro sílabas, agudo)

“de/tu/do” (duas sílabas, grave) + “quan/to_é/mis/to”(quatro sílabas, grave)

Quanto às rimas, existem apenas duas rimas (-isto/-isto e -i/-i), evitando a costumeira modificação das rimas entre quartetos e tercetos. A única modificação, é que nos quartetos a rima (-isto/-isto) está nos versos interiores dos quartetos, ao passo que a rima em “-i” está nos extremos dos quartetos. Nos tercetos existe a inversão dessa situação.

Soneto do Falso Fernando Pessoa
Carlos Drummond de Andrade,
Claro Enigma
(Rimas e vogal “i”)

Onde nasci, morri
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,

à deusa que se **ri**
deste nosso oar**isto**,

eis-me a dizer: **assisto**
além, nenhum, **aqui**
mas não sou eu, nem **isto**.

O caso é que essa simplicidade das rimas apresenta uma impressionante simetria quanto à sílaba tônica, uma vez que a rima grave (-isto/-isto) e a rima aguda (-i/-i) têm como tônica a vogal “i”, o que faz com que exista o caso, muito particular, de que nesse soneto temos 14 versos cuja sílaba tônica final é determinada pela mesma vogal tônica. Ao observarmos as classes gramaticais das rimas, notamos que nos quartetos a rima aguda se refere a verbos no pretérito perfeito (morri, vi, senti) e um pronome oblíquo de segunda pessoa (ti), ao passo que a rima grave apresenta verbos no presente do indicativo (existo, visto, desisto, misto). Já nos tercetos, a rima aguda é passa também a designar o aqui e agora, o presente (ri, aqui) em consonância com a rima grave (Mefisto, oaristo, assisto, isto).

Pelo poema existem outras palavras com a sílaba tônica marcada pela vogal “i”, fazendo inclusive rimas internas: “nasci”, “morri”, “mim”, e há, ainda, ocorrências de palavras em que embora a vogal “i” não seja a tônica, aparece com destaque, seja como associada à tônica, seja como subtônica: “muitas”, “odiei”, “eis-me”, “dizer”.

Ao integrarmos essas outras palavras ao conjunto das rimas, notamos que a questão do tempo passado/presente permanece inalterada. Nos quartetos as palavras que têm o “i” na posição final da palavra continuam indicando o tempo do pretérito perfeito (nasci, morri, vi, odiei, senti) e o pronome oblíquo de segunda pessoa (ti). As palavras que têm o “i” numa posição interior da palavra, não sílaba final, continuam indicando o tempo presente: muitas (há), existo, visto, desisto, (é) misto. Nos tercetos continuamos tendo a uniformidade relativa ao

presente independentemente da posição do “i” na sílaba da palavra: Mefisto, ri, oaristo, eis-me, dizer, assisto, aqui, isto.

Esse passado que se contrapõe ao presente nos quartetos evoca uma existência terminada, daí o pretérito perfeito, a ação acabada no passado: “Onde nasci, morri.” Essa morte se transforma em permanência, ou seja, o que permanece para o presente é a lembrança, a memória: “Onde morri, existo”. Drummond, nesse sentido, parece reconhecer a existência de uma memória coletiva que não se restringe apenas ao âmbito concreto de sua existência, ou de outro modo, podemos lembrar do inconsciente coletivo ao modo junguiano, em que os mitos compõem a fundamentação dessa memória coletiva: “E das peles que visto / muitas há que não vi”.

Em contraposição ao domínio da vogal “i” nas rimas, na junção dos pés o que predomina é a utilização das vogais “a”, “e”, “o”. No 1.º quarteto: “nAsci”, “mOrri”, “pEles” e “hÀ”. No 2.º quarteto: “mIm”, “durAr”, “quANto”, “odiEi”. Nos tercetos: “fAusto”, “dEusa”, “nOsso”, “A”, “nenhUM” e “sOu”. A única ocorrência do “i” na tônica do primeiro pé, é no verso primeiro do segundo quarteto (“mIm”) mas para dizer “sem mim como sem ti”, e a vogal “U” (semivogal como a semivogal “i”) é no último verso, para dizer: “mas não sou eu, nem isto”. No oitavo verso a vogal “E” é a tônica do pé, cercada por dois “ii”: “e que odiei ou senti”. Assim temos uma oposição entre as vogais nas sílabas tônicas, no final do primeiro pé, o domínio das vogais “a”, “e”, “o”, no final dos versos, a exclusividade de ocorrência da vogal “i”. Por outro lado, no caso da ocorrência da vogal “i” temos uma oposição entre grave e agudo a definir presente ou passado.

3.Os Oxímoros e as Negações do “Sonetinho do Falso Fernando Pessoa”.

As oposições encontradas levam-nos a pensar na questão dos Oxímoros. Se observarmos o poema, existe nele alguns

oxímoros: “nasci” X “morri”; “Fausto” X “Mefisto”, “além” X “aqui”. Mas além das relações em oxímoro, existe a ocorrência de duplas negações com conjunção aditiva (“nem”): “Nem Fausto, nem Mefisto”, “mas não sou eu, nem isto”, ou com a preposição de ausência (“sem”): “sem mim como sem ti”. Essas negações formam com os oxímoros um conjunto caracterizado pelo estado antitético do poema: falso X verdadeiro (o falso Fernando Pessoa versus o verdadeiro Fernando Pessoa).

Roman Jakobson¹ num estudo já clássico acerca do poema “Ulysses” de Fernando Pessoa (*Mensagem*, 1935) apontava naquele poema a ocorrência dos oxímoros como figura determinante do poema, e que o conceito de oxímoro tinha seu reflexo nas estruturas fônicas, rítmica e gramatical do poema. Em “Ulysses” o tema do ser/não ser, ou do existir/não existir era resultado da interpretação pessoana da lenda da fundação de Lisboa pelo mítico herói grego. Assim, Lisboa, cidade real, capital de Portugal era a prova concreta dos feitos de personagem que era tido como lendário, irreal, um mito apenas (Ulisses).

Oxímoros, Duplas negações e semelhança vocabular.

¹ JAKOBSON, Roman. “Os Oxímoros Dialéticos de Fernando Pessoa” em: JAKOBSON, Roman. *Lingüística, Poética, Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 93-118. Também pode ser encontrado em: *OS PENSADORES: SAUSSURE, JAKOBSON, HJELMSLEV, CHOMSKY*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 1201-39.

Sonetilho do Falso
Fernando Pessoa

Carlos Drummond de
Andrade,
Claro Enigma

Onde nasci, morri
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui
mas não sou eu, nem isto.

Ulysses

Fernando Pessoa
Mensagem, II. Os
Castellos

O Mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os
céus
É um mytho brilhante e mudo
-
O corpo morto de deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundal-a decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Em “Sonetilho do Falso Fernando Pessoa”, parece-nos que a construção em oxímoros e negações tem por objetivo recompor a linguagem poética pessoana, em que a questão das oposições ser/não ser; existir/não existir nos fazem lembrar de uma das condições abordadas acerca da poética de Fernando Pessoa que é a da heteronímia, ou seja, em que medida, existiram os heterônimos ou ainda, de que modo devemos abordar essas personalidades da obra pessoana. Assim o “falso Fernando Pessoa” é a condição drummondiana que assim se apresenta para

colocar em discussão a existência, e mais do que isso, o sentir/não sentir, tópico importante do conceito de Sensacionismo em Pessoa é reconsiderado no poema de Drummond: “Desisto / de tudo quanto é misto / do que odiei ou senti”. Assim as no verso “E das peles que visto”, como não ver a referência ao processo heteronímico pessoano, mais latente ainda no verso seguinte; “muitas há que não vi”. Mas que o fato de não ver, não implica em não existir: “Sem mim como sem ti / posso durar”.